
COMUNIDADE DE POUSO ALTO: UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO*

MARIA MADALENA DA S. LEBRÃO**

RESUMO

O objetivo deste artigo é revelar, em primeira instância, as riquezas socioculturais e sociolingüísticas de regiões rurais sul-mato-grossenses, neste caso as de Pouso Alto, bem como verificar quais os fenômenos lingüísticos de ordem fonética, lexical e morfossintática são mais incidentes na comunidade, quantificando-os com vistas a constatar se a variação lingüística, na comunidade, é mais ocorrente que a construção regular, no momento da atualização da língua falada.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolingüística, comunidade, variação.

1 INTRODUÇÃO

1.1 *Aspectos culturais de Pouso Alto*

Pouso Alto¹ é um distrito sul-mato-grossense pertencente ao município de Água Clara e possui 55 pessoas adultas, que somadas às crianças e aos moradores das 12 fazendas circunvizinhas (Beatriz, Cachoeira, Fazendinha, Carro Velho, Tigre, Estela II, Alvorada, Olho d'água, Quebra Pedro, Alto do Angical, Monte Alegre e Pedra Branca) formam a *Região do Cangalha*, cujo número oficial de habitantes resulta em seiscentos.

* Este artigo, adaptado de parte da dissertação de Mestrado defendida pela autora em 2004, foi apresentado no 52^o GEL, realizado em Campinas, de 29 a 31 de Julho de 2004.

** Mestre em Letras pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Campus de Três Lagoas. Professora Substituta da UFMS-Três Lagoas.
E-mail: mmlebrao@ibestvip.com.br

O *Ranha* – alcunha dada ao local pelos moradores do distrito – foi fundado em meados de 1924, quando Juscelino Ferreira Guimarães (tabelião de Pouso Alto do estado de Minas Gerais) requereu, junto ao então Estado de Mato Grosso, a posse das terras da região do rio Gangalha, situadas ao norte de Água Clara, com a finalidade de torná-las num patrimônio, num tempo em que o Estado doava terras para este fim.

De posse das terras, o tabelião atribuiu o nome de Pouso Alto ao local por admiração à sua terra natal mineira e por, coincidentemente, haver nos hectares que o Estado lhe concedera, um córrego chamado Pouso Alto. Hoje, este córrego forma uma bica d'água na fazenda que lhe pertenceu e que recebeu o nome de Pouso Alto.

A fazenda Pouso Alto, depois de inaugurada, só se tornou distrito oficial do município de Água Clara em 8 de fevereiro de 1953. Até novembro de 1998, o Pouso Alto era formado por 25 casas de palha, pau-a-pique ou sapê, com chão barreado, e com costumes bastante rudimentares, que, ao longo destes 80 anos, foram lenta e curiosamente alterados: o horário da alvorada que ocorria às 2h da madrugada (com o objetivo de moer a cana-de-açúcar de onde extraíam melado para adoçar os alimentos e o leite servidos no café-da-manhã) passou para as 5h, alterando, conseqüentemente, o horário das demais refeições; as crianças, ainda hoje, se escondem à chegada de pessoas estranhas; alguns filhos recebem após o seu primeiro nome o nome do pai como alcunha: se o filho é Pedro e o pai é Cídio, o filho passa a ser chamado de *Pedro do Cídio*, provavelmente para diferir dos outros “Pedros” do local.

A economia local, que era baseada na agricultura e pesca – os seus desbravadores, Juscelino e Tião Paulo (fazendeiros), e alguns poucos peões contratados por eles, plantavam cana-de-açúcar e demais alimentos regionais [como o *caxi/mugango* (abóbora), mandioca, laranja, entre outros] – passou a sustentar-se da pecuária, que mantém, ainda, costumes rudimentares dos primórdios, como transportar o gado comercializado tocando a boiada pela estrada afora.

Como em qualquer outro lugar, o Ranha não poderia ser diferente no que se refere às credences populares. Alguns de seus moradores mais antigos afirmam já ter visto a *Mãe-de-Ouro*: uma luz que, à noite, entra nas casas e corre nos pastos, ora atrás das pessoas, ora a esmo. Os habitantes do distrito acreditam que onde ela aparece existe algum tesouro escondido. E alertam: “se a pessoa não acreditar que ela existe, ela com certeza aparecerá e correrá atrás do incrédulo”.

O fascínio pelo Pouso Alto não entorpece o pesquisador apenas no momento em que seus olhos vislumbram o todo panorâmico de sua paisagem agreste esculpida pelos dedos do Criador, nem tampouco pelo fato de, ao final da tarde, todo ele ser, lentamente, consumido pela negritude da noite que se aproxima rápida e quieta (pois, ao piscar de olhos, já não se vê mais nada claramente, a não ser pelas sombras que o contornam), mas também pelos fenômenos e variações lingüísticas que fazem dele um lugar incitante por completo.

Os procedimentos metodológicos aplicados à investigação desses fenômenos e variações lingüísticas se realizaram da seguinte forma: a coleta dos dados que compuseram o corpus foi realizada *in loco*, por meio do questionário do projeto do AliB,² cujas respostas foram gravadas em fitas magnetofônicas e, posteriormente, transcritas, grafematicamente, de acordo com os critérios do projeto NURC³ (com as devidas adaptações) e, por último, foram quantificadas a partir do conjunto de pacotes do software VARBRUL/01.

Feita a apresentação cultural do distrito de Pouso Alto, trataremos dos demais objetivos deste artigo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 *A Complexidade da Variação Lingüística*

Vários são os fatores que propiciam o processo da variação lingüística. Podemos percebê-los ao participar de alguma situação de

fala, quando interagimos com as pessoas e, por sermos influenciados no momento dessa interação, tomamos consciência de que “a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada”, conforme advoga Tarallo (1995, p. 6).

Desta forma, mesmo sendo a palavra uma entidade fonético-psicológico-social – mero sinal de convenção – cuja existência não reside na própria natureza das coisas, mas na mente humana, enquanto hábito psicológico de simbolização, claro está que temos na sociedade as causas principais e determinantes das variações de seu significado.

No entanto, este fundamento psicológico, por um lado, não é a causa eficiente das alterações semânticas. Não é a condição psíquica do homem considerado individualmente que determina as substituições, associações e restrições de símbolos, mas a sociedade.

Queremos com isto dizer que o indivíduo, sozinho, não procura todo este jogo vocabular para a expressão de suas idéias. Se o faz, é premido por princípios que regem a coletividade a que ele pertence. Portanto, a causa última e realmente eficaz da variação lingüística está posta na SOCIEDADE.

Mas a sociedade não conseguiria todos esses efeitos, se o indivíduo, por outro lado, não fosse capaz de perceber e associar tais atos psicológicos para expressar suas idéias. Na impossibilidade de dar, a cada idéia, um símbolo, um sinal lingüístico, uma palavra própria, exclusiva, o que sobrecarregaria desnecessariamente a memória humana, servimo-nos do contexto, às vezes, um simples determinativo, que, conservando o significado fundamental do vocábulo, acrescenta-lhe novo matiz, transformando o conjunto em outro símbolo lingüístico.

É nesse outro símbolo lingüístico como *alternâncias de uso*, que “são influenciadas por fatores estruturais e sociais, caracterizando-se pelo reconhecimento da variação lingüística” que recai a *complexidade* da variação lingüística (MOLLICA, 2003, p. 10).

Parkin (apud TRUDGILL, 1995, p. 108) descreve, acerca da complexidade que a situação sociolingüística enfrenta devido à questão da

influência que uma língua exerce sobre outra, exemplificando essa questão da variação lingüística por meio da interação social. Na pesquisa de Parkin, deparamo-nos com a realidade lingüística de Kampala, capital de Uganda. Como a população de Kampala é formada por grupos nativos indígenas e outros advindos do Kenya, Sudão e Zaire, havendo ali muitos grupos étnicos vivendo juntos, a situação sociolingüística aí observada torna-se muito complexa. Por ser um país multilíngüe, uma vasta gama dialetal entre os seus falantes foi gerada.

Essa realidade é vivida também em outros países que enfrentam a mesma situação, como é o caso do Paraguai na América Latina. Trudgill (1995, p. 109) aponta um fato como esse como a primeira probabilidade para justificar a questão da complexidade sociolingüística vivida por tais países.

A mesma complexidade é também percebida (evidentemente em escala bem menor) na comunidade de Pouso Alto, pois ainda que não haja diferenças dialetais entre os seus cento e poucos moradores, há uma interação social dinâmica e contínua entre os seiscentos transeuntes da região do Cangalha que circulam pelo distrito.

Faz-se necessário ressaltar, nesse momento, a fidelidade a certas variações lingüísticas, pronunciadas pelos moradores de Pouso Alto. Vocábulos como [ka'xɪ] e [mʊ'gango], por exemplo, são utilizados na comunidade no momento de interação social entre eles e, quando muito, ao comercializarem o produto com os moradores da região do Cangalha. Porém, eles falam [ɑ' b ɔb ɔɑ] quando interagem com pessoas que não são da região.

Toda essa complexidade concernente à variação lingüística se agrava ainda mais sob o prisma analisado por Fiorin (2002, p. 127-128) de que “a variação pode chegar até o nível do indivíduo”. A língua fica, assim, dotada de indissociáveis variações em seu uso. A grande questão é: como descrever sistematicamente os fenômenos da variação? Há realmente necessidade de fazê-lo? É de eficácia comprobatória a quantificação das variações? Por meio de que método?

No intuito de quantificar estatisticamente os fenômenos da variação lingüística que compõem o aspecto central da sociolingüística e de comprovar a cientificidade dos dados, Labov (1972-1978) elaborou e experimentou o modelo teórico-metodológico quantitativo, para analisar e sistematizar *variantes lingüísticas* usadas por uma mesma comunidade de fala.

2.2 Os Valores Quantitativos gerados pelo método de análise quantitativo VARBRUL/01

A questão da variação lingüística brasileira é apontada por Camacho (2001, p. 61) acompanhada do apelo de que “não ignoremos sua existência e de que a tomemos como alvo de exame”. Destarte, após os primeiros resultados desta pesquisa, contabilizados pelo VARBRUL/01⁴ (SCHERRE, 2001) e após análise das primeiras tabelas oferecidas pelo programa, geradas pelo *Cross Tabulation*, percebemos que os percentuais indicavam como os fenômenos lingüísticos, de ordem fonética, mais incidentes na língua falada pelos moradores de Pouso Alto, a *Síncope* (supressão de fonemas no meio da palavra, como em [‘arvri], [a’bobra], [‘fosfru], [‘porvra], [‘corgu], entre outras), a *Paragoge* após /z/, /r/ e /l/ (acréscimo de fonemas no final da palavra, como em [‘luize], [‘soli], [ca’lori], [‘paize], entre outras), o *Rotacismo* (troca medial ou final de *l* > *r*, como em [‘crara], [‘pranta], [‘praca], [sor’dadu], entre outros exemplos), a *Iotização* (troca do *lh* > *i*, como em [a’beia], [trabai’a], [ju’ei], [or’vaiu], entre outros exemplos) e a *Epêntese* (acréscimo de fonemas no meio da palavra, como em [oror’valhu], [e’lelricu], [‘ulteru], [adevo’gadu], entre outras).

É de vital importância para este momento, situarmos o leitor no que tange aos fatores extralingüísticos elencados para a realização da investigação. O questionário foi aplicado a oito falantes, a saber, quatro falantes do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Portanto, como já notamos, uma das variáveis extralingüísticas adotadas foi a variável *sexo*.

As demais, que foram outras três, incluíram as variáveis *faixa etária* (falantes de 18 a 35 anos e de 50 a 65), *classe social* (pecuaristas e peões/afins) e *escolaridade* (alfabetizados [primário completo] e não-alfabetizados).

Ao analisarmos a tabela seguinte, verificamos que os índices percentuais referentes à variação fonética existente na fala dos moradores do distrito, com especificidade na síncope, alcançam o primeiro lugar variacional no quadro geral, pois, como se pode ver, houve 92% de variação lingüística entre os informantes de sexo masculino. Por meio deste resultado, oferecido pelo programa, constatamos que houve apenas 8% de construção regular entre os falantes deste sexo, no momento da atualização da língua falada.

Ainda com relação à síncope, verificamos, também, que houve um percentual maior de variação entre os falantes de faixa etária maior, ou seja, entre os que possuem idade equivalente a 50 e 65 anos; quanto à classe social, a variação incidiu mais entre os pecuaristas; e, finalmente, quanto ao último fator extralingüístico elencado (o da variável escolaridade), a variação lingüística apresentou-se maior entre os falantes não alfabetizados.

Ao observarmos atentamente a tabela abaixo, notamos que, não somente no que tange à síncope, o percentual de variação foi maior que o da construção regular, mas também com relação aos outros quatro fenômenos fonéticos analisados, pois em todos eles e em todos os fatores extralingüísticos, o valor percentual equivalente à variação lingüística alcançou um índice maior que 52%, levando-nos a perceber que a construção regular foi inferior a este resultado.

A Tabela 1, apresentada a seguir, reúne os resultados gerais dos percentuais de variação dos fenômenos fonéticos, separados de acordo com cada fator extralingüístico selecionado para as análises.

TABELA 1 - RESULTADOS GERAIS DOS PERCENTUAIS DE VARIAÇÃO DOS FENÔMENOS FONÉTICOS COM RELAÇÃO A CADA FATOR EXTRALINGÜÍSTICO SELECIONADO PARA AS ANÁLISES

ASPECTO FONÉTICO	FATORES EXTRALINGÜÍSTICOS							
	SEXO		FAIXA ETÁRIA		CLASSE SOCIAL		ESCOLARIDADE	
	Homem	Mulher	18/35	50/65	Pecuaristas	Peões/afins	Primário	Ø escola
	SÍNCOPE [ˈarvri]	92%	74%	69%	87%	86%	81%	69%
PARAGOGUE [ˈluizi]	68%	68%	57%	71%	86%	57%	57%	71%
ROTACISMO [biciˈcreta]	56%	53%	62%	52%	67%	52%	62%	52%
IOTIZAÇÃO [muiˈe]	64%	64%	64%	64%	57%	69%	64%	64%
EPÊNTESE [eˈlelricu]	80%	79%	80%	79%	71%	84%	80%	79%

Quanto aos fenômenos lingüísticos de ordem morfossintática, os resultados apontaram, com percentuais indicativos de maior ocorrência, para o uso do artigo diante de antropônimos (...*tenhu séti filhus i duas irmã...Aparicidu, Adautu, Jesus Carlus, Juã Ilias, Márcia, Roneidi i Marta...minhas irmã é a Nega i a Maria...meus fiu trabaiam in fazenda i só uma qui teim lanchonéti...minhas irirmã casaru cum gerentis di fazenda longi daqui*); para o uso do pronome eu X a gente na conjugação do presente do indicativo (*a:::a genti já tá duenti...intãu as fia faiz tudu né...aí a genti assisti tv i drômi...a vida é muito dura minina...muitu difirci...*); a flexão de número na relação determinante X sintagma nominal (*a:::elas vévi passanu nicissidadi...i vãu tudu morré porque u mundu tá ficanu cada dia piór....[...]* *a:::sim:::têm us qui tãu vivu e us qui tãu mortu...i tem tamém...tem as qui assombra us otru...isturdia memu eu vi uma...as pessoa daqui tem medu até memu da mãi di oro...que dirá dus mortu*); o enfraquecimento do futuro do presente (*vô fazê um (piqueti) novu i dispois levarei us piãu pra cidadi...*); e a presença X ausência no uso do advérbio de negação (*diz qui tem...mais eu num sei nãu...pelu menus eu nunca vi nãu sinhora...*).

TABELA 2 - RESULTADOS GERAIS DOS PERCENTUAIS DE VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA COM RELAÇÃO A CADA FATOR EXTRALINGÜÍSTICO SELECIONADO PARA AS ANÁLISES

ASPECTO MORFOSSINTÁTICO	FATORES EXTRALINGÜÍSTICOS							
	SEXO		FAIXA ETÁRIA		CLASSE SOCIAL		ESCOLARIDADE	
	Homem	Mulher	18/35	50/65	Pecuaristas	Peões/afins	Primário	Ø escola
	ARTIGO DIANTE DE ANTROPÔNIMOS	75%	80%	89%	74%	75%	74%	89%
PRONOME EU X A GENTE NA CONJUGAÇÃO DO P. I.	85%	71%	67%	82%	73%	82%	62%	83%
FLEXÃO DE NÚMERO NA RELAÇÃO D X S N	82%	55%	60%	71%	88%	57%	60%	71%
ENFRAQUECIMENTO DO FUTURO DO PRESENTE	89%	56%	67%	75%	83%	67%	67%	75%
PRESENÇA X AUSÊNCIA NO USO DE ADVÉRBIO NEGAÇÃO	100%	71%	67%	92%	100%	78%	67%	92%

De igual modo, os índices percentuais referentes aos fenômenos de ordem morfofossintática, obtidos com a aplicação do programa, também apontaram como relevantes os resultados correspondentes à variação lingüística. Como se observa na tabela, os valores percentuais ultrapassaram os 55%. O fenômeno morfofossintático que apresentou o maior índice de variação foi a Presença X Ausência no uso de advérbio negação, alcançando 100% de variação, tanto com relação à variação sexo, quanto com relação à variação classe social.

Deixamos para mencionar os percentuais lexicais por último já que, com relação às ocorrências dessa ordem, o índice variacional apresentado foi o que atingiu a maior escala nesta etapa de análise, tornando-se, desta maneira, o que apresentou os índices variacionais mais relevantes da comunidade pesquisada, ultrapassando o percentual

de 58%. Desse modo, ao observarmos a tabela abaixo, notamos que houve 80% de variação lingüística entre os falantes do sexo masculino da comunidade. Automaticamente, pressupõe-se que o índice percentual de construção regular no momento da atualização da língua falada é 20.

TABELA 3 - RESULTADOS GERAIS DOS PERCENTUAIS DE VARIAÇÃO LEXICAL COM RELAÇÃO A CADA FATOR EXTRALINGÜÍSTICO SELECIONADO PARA AS ANÁLISES

ASPECTO LEXICAL	FATORES EXTRALINGÜÍSTICOS							
	SEXO		FAIXA ETÁRIA		CLASSE SOCIAL		ESCOLARIDADE	
	Homem	Mulher	18/35	50/65	Pecuaristas	Peões/afins	Primário	Ø escola
	80%	58%	69%	69%	78%	63%	69%	69%

2.3 A RELEVÂNCIA DA VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL

Alguns vocábulos encontrados na comunidade de Pouso Alto têm relação direta com a situação histórica local. Encontramos no distrito expressões advindas, tanto de regiões interioranas mineiras, quanto de outras regiões brasileiras. Mescladas ao laço histórico-cultural e influenciadas pelos costumes da região rural tipicamente sul-mato-grossense, expressões como *paquete* ao invés de *menstruação*; *chuva-de-flor*, ao invés de *chuva de granizo*; *picumã*, ao invés de *fuligem*; *jaratataca*, ao invés de *gambá*, entre outras expressões mineiras, particularizam, semanticamente, a fala dos moradores de Pouso Alto.

A utilização do vocabulário de uma língua ocorre – não somente pelos falantes da comunidade de Pouso Alto, mas em qualquer local – de maneira seleta e, psíquica e subjetivamente, apropriada para cada situação e contexto. Assim, jamais, veremos um peão de rodeio utilizar o vocabulário de um industrial (ou vice-versa) com o mesmo valor

semântico. Isso significa que o vocabulário está, intrinsecamente, relacionado ao *significado* que tem e exerce em dada comunidade.

Com relação ao vocabulário de Pouso Alto, muitas expressões se perpetuaram ao longo dos quase cem anos de sua fundação. Para que levantássemos o vocabulário utilizado pelos moradores da comunidade, bem como para que analisássemos o valor semântico que cada um tem no contexto cultural vivido pelos informantes do distrito, consideramos os 14 campos semânticos encontrados no AliB [acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios e vida urbana], dos quais, os referentes ao campo *astros e tempo* e *corpo humano*, forneceram maior percentual de variação no momento em que o programa quantifica os dados.

Expressões como *caxi/mugango* [abóbora], *ribeirão* [córrego], *barra/grota* [foz], *rebojo* [redemoinho (de água)], *corredeira* [onda (de rio)], *rabo-de-gala* [arco-íris], *chuva mansa* [chuva forte], *barra do dia/clariar do dia/amanhecer do dia* [amanhecer], *escurecer do dia/boca-da-noite* [anoitecer], *trovadinha* [alvorada], *estrela guia/estrela d'oeste* [estrela-da-manhã/estrela-d'alva], *sapel* [estrela cadente/zelação/estrela filante], *caminho-de-Cristo* [via Láctea/caminho de Santiago], *sião* [cangalha/forquilha], *agandi* [borrego (do nascer até...)], *trilheiro* [trilho/caminho/vereda/trilha], *beijinha* [beija-flor/colibri], *loro* [papagaio], *pitoco* [cotó], *beronha* [mosca varejeira], *velida* [catarata], *gingibre* [banguela/desdentado], *cateto* [meleca/tatu], *cangote* [nuca], *gaieiro* [cheiro nas axilas], *garrão/canela* [tornozelo], *veaco/seguro* [pessoa sovina], *capanga/jagunço* [assassino pago], *birola* [bolinha de gude], *pasta doce* [geléia], *ansiado* [empanturrado] e *pedestre* [calçada/passeio], entre outras, dão relevância semântica aos vocábulos encontrados na comunidade de Pouso Alto.

3 CONCLUSÕES

Cumpridos os objetivos propostos a serem alcançados neste artigo, constatamos que, de modo geral, a incidência de variação lingüística na comunidade de Pouso Alto foi bem maior que a da construção regular, em todos os aspectos analisados.

No que respeita aos fenômenos fonéticos, vimos que os percentuais de variação foram maiores entre os informantes do sexo masculino, o que comprova a afirmativa de Paiva (2003, p. 41) quando diz que, por uma questão cultural, “a mulher tende mais à construção regular, que é mais condizente com a sua condição feminina”. Nos outros dois aspectos analisados, os de cunho morfossintático e lexical, ocorre o mesmo, ou seja, a variação lingüística alcançou maiores percentuais, também, entre os falantes de sexo masculino.

Quanto à variável *faixa etária*, os percentuais de variação ocorreram mais entre os falantes de idade equivalente a 50 e 65 anos, com raríssimas exceções, como foi o caso do uso do artigo diante de antropônimos. Nesta variável, deparamo-nos com os primeiros resultados atípicos com relação aos resultados apresentados em diversas pesquisas no meio científico, pois conforme advoga Mollica (2003, p. 44), “muitos falantes, que possuem uma faixa etária maior, ou seja, os falantes mais velhos, preferem usar as formas mais antigas, no ato da fala”, o que não ocorreu na comunidade.

Uma outra questão curiosa é a que se refere aos resultados concernentes à variável *classe social*. Segundo Bagno (2003, p. 143), “quanto mais subimos na escala social as variedades mais estigmatizadas deixam de aparecer”, ou seja, a partir desta asserção as variações lingüísticas tendem a diminuir para dar espaço à construção regular.

Em Pouso Alto esta situação é divergente, possivelmente, devido ao fato de que os moradores mais antigos da região elencados para a investigação não são alfabetizados e, ainda, ao fato de que interagem, diariamente, com os peões, falantes mais novos, que lhe são subordinados

e que, em sua maioria, possuíam um certo grau de escolaridade. Os resultados percentuais apresentados pelo programa, com relação aos aspectos analisados, nos dão margem para constatar a veracidade desta hipótese, pois nos dois primeiros aspectos – os de cunho fonético e os de morfossintaxe – houve um empate de percentual na variação encontrada entre os falantes, no momento da atualização da língua falada.

POUSO ALTO COMMUNITY: A SOCIOLINGUISTIC STUDY

ABSTRACT

The objective of this article is to reveal the sociocultural and sociolinguistic wealth of rural areas of the south of Mato Grosso, such as the ones of Pouso Alto. It also verifies which linguistic phenomenons of phonetic, lexical and morphological order are more incident in the community. These occurrences are quantified in order to show which linguistic variations are more frequent when language is spoken.

KEY WORDS: Sociolinguistics, community, variation.

NOTAS

1. Conquanto o Pouso Alto seja um distrito de Água Clara, dista 90km da sede do município a que pertence.
2. Atlas Lingüístico do Brasil.
3. Projeto desenvolvido sobre a norma urbana culta de São Paulo, daí a expressão NURC.
4. O software VARBRUL/01 é formado por um pacote de programas, que contabiliza os dados que se pretende analisar. A primeira etapa de análise é oferecida pelo programa *Cross Tabulation*; a segunda, pelo *Binominal, Up & Down*; a terceira, e última, pelo *Binominal, 1 Level*. Neste artigo, apresentaremos somente os resultados referentes à primeira etapa de análise, com o intuito de cumprir os objetivos propostos.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. *A norma culta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola, 2003.
- CAMACHO, R. G. O que é sociolinguística? Parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. (Orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001, p. 49-75.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO AliB (Brasil). *Atlas lingüístico do Brasil: questionário 2001/Comitê Nacional do Projeto AliB*. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- SCHERRE, M. M. *Introdução ao Pacote VARBRUL para microcomputadores*, versão 2001 – UFRJ. Mimeografado.
- FIORIN, J. L. *Introdução à lingüística*. São Paulo: Contexto, 2002.
- LABOV, W. *Field methods used by the project on linguistic change & variation*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972-1978.
- MOLLIÇA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLIÇA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 33-42.
- TARALLO, F. *Tempos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1995.
- TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. Cambridge: New Edition, 1995.